

EM MEMÓRIA DE JOAN ROBINSON: A GRANDE DAMA DA ECONOMIA*

Joanílio Rodolpho Teixeira

RESUMO

Nessa Nota o autor rememora seus encontros com Joan Robinson, relembra sua morte e comenta sobre a influência da obra dessa notável economista sobre a Moderna Teoria Econômica.

SUMMARY

In this note the author remember his meetings with Joan Robinson, remind us of her death and comments on the influence of this great lady on the Modern Economic Theory.

(*) Embora Joan Robinson não seja considerada, propriamente, Econometrista ou Economista Matemática, sua contribuição para aclarar problemas lógicos e ideológicos da Teoria Econômica é tão substantiva que, como editor da Revista de Econometria, resolvemos homenageá-la com essa nota, que expressa nosso respeito e admiração pelas notáveis realizações dessa Grande Dama.

1. A VIDA E A OBRA

Como é do conhecimento de alguns, faleceu no dia 5 de agosto a economista e mestra Joan Robinson. A imprensa publicou algumas linhas mas, em geral, não houve maior divulgação sobre o fato. O reconhecimento é algo que, nem sempre, surge durante a vida de um pensador crítico, mas a morte deveria ser um momento de reflexão sobre sua obra. Contudo, torna-se difícil, na ausência de uma adequada perspectiva histórica, fazer um balanço correto de um trabalho relativamente recente e tão abrangente.

Alguém que teve contato e aprendeu sob a influência intelectual dessa notável senhora, e que por ela tem tanta admiração, não é a pessoa mais adequada para fazer uma avaliação, mesmo provisória, de sua obra. Assim, resolvemos apenas descrever algumas reminiscências - demasiado pessoais - para procurar contornar a aparente "conspiração do silêncio" e indicar nossa tristeza com essa perda. É grande a influência de Mrs. Robinson no modo como pensa hoje um grande número de economistas. Junto com Rosa Luxemburg, Joan Robinson forma a dupla feminina de maior expressão no pensamento econômico.

Joan Violet Maurice Robinson (1903-1983) nasceu no condado de Surrey, na Inglaterra, e foi educada inicialmente na St. Paul's Girls' School em Londres, e, depois, no Girton College, em Cambridge. Em 1931 ela se tornou professora assistente (university lecturer) e, em 1941, docente (reader) nesta prestigiosa Universidade de Cambridge. A partir de 1965 obteve a cadeira de professora titular na mesma instituição, ocupando a vaga deixada pela aposentadoria de seu marido, Professor E.A.G. Robinson. Ela se aposentou formalmente em 1971, mas manteve-se ligada à mesma instituição como professora emérita, em atividade, até cerrar seus olhos, embora nos anos recentes já lhe faltasse a força física necessária. Acredito que a poucas pessoas se aplica tão adequadamente a famosa expressão de Lenin: "É preciso sonhar com a condição de crer em nosso sonho. De examinar com atenção a vida real, de confrontar nossas observações com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossa fantasia".

Sua contribuição inicial à Teoria Econômica constitui uma crítica e ruptura com o modelo de Concorrência Perfeita, paradigma dominante na década de 30. Entre 1930 e 1980 ela publicou cerca de 20 livros e mais de uma centena de artigos em revistas científicas espalhadas pelos mais diversos países. Viajou por, praticamente, todo o planeta, fazendo conferências e pesquisando as condições concretas de vida nesse mundo freqüentemente desolador. Jamais foi consultora de governos e sempre abominou os tecnocratas e Estados autoritários, embora aparentemente tivesse simpatia por "déspotas esclarecidos" que pudessem reduzir o enorme sofrimento humano das classes desprivilegiadas nos países subdesenvolvidos.

Suas obras mais substantivas são: "Economia da Concorrência Imperfeita" (1933), "Ensaio Sobre a Teoria do Emprego" (1937), "Uma Introdução à Teoria do Emprego" (1937), "Um Ensaio de Economia Marxista" (1942), "Acumulação de Capital" (1956), "Filosofia Econômica" (1962), "Ensaio Sobre a Teoria do Crescimento Econômico" (1963), "Heresias Econômicas" (1971), "Economics: An Awkward Corner" (1966), além dos seus "Collected Papers", em 5 volumes, publicados nas últimas décadas. Como co-autora, destaca-se sua obra "Uma Introdução à Moderna Economia" (1973), em que procura elaborar um texto alternativo à dominância da "Introdução à Economia", de Paul Samuelson.

Joan Robinson deixa, com seu falecimento, o marido e duas filhas, além de diversos "filhos adotivos" entre as gerações de economistas que receberam sua gratificante influência intelectual.

2. REMINISCÊNCIAS

Meu primeiro contato pessoal com a professora Robinson foi em 1970, quando iniciava meus estudos de pós-graduação na London School of Economics e ela foi convidada para ministrar um seminário sobre "Desemprego e Inflação". Naquela época, ainda bastante robusta, ficávamos impressionados com sua agilidade mental, rigor lógico, além da capacidade de transmitir objetivamente sua mensagem, em discurso que atingia diretamente os pontos fundamentais da questão em debate. Ela era impaciente, mordaz e contundente com rela-

ção aos colegas opositores, mas raramente com relação aos alunos, aos quais despendia seu tempo com grande generosidade.

Com sua cabeça alva, de cabelos lisos e longos, sempre presos num coque, e suas palavras um tanto rápidas dava a clara impressão de alguém consciente de seu papel educativo, de seu invulgar intelecto, o qual devia transmitir abertamente aos ouvintes. Já naquela época, seu modo de trajar era modesto e funcional: calça tipo "pantalona" e blusa solta. Irradiava enorme simpatia, mesmo àqueles que se opunham às "suas heresias". Todos concordávamos que sua heterodoxia às vezes lembrava Dom Quixote, numa luta desigual contra a ortodoxia - paradigma que parecia ocupar os escaninhos intelectuais mais profundos até mesmo dos jovens economistas mais descrentes com o pensamento neoclássico dominante. Aliás, o papel mais destacado de Mrs. Robinson constitui na afirmação da independência intelectual que a levou à não-ortodoxia, ao desapontamento com qualquer visão particular da teoria e o desejo de utilizar o intelecto para não só questionar as idéias predominantes, mas também recriar um instrumental analítico adequado. Muitos a relacionam com os keynesianos de esquerda ou kaleckianos e, modernamente, com os neoricardianos. A última catalogação parece-nos algo forçada.

Meu encontro seguinte com Joan Robinson foi em 1973, quando das comemorações da "Semana de Keynes", na Universidade de Kent em Canterbury. Entre as eminências presentes se destacavam Mrs. Robinson, Roy Harrod e Richard Kahn, que fizeram suas apreciações sobre o homenageado ou comentaram a relevância de Keynes para o mundo contemporâneo. Ela discutiu o primeiro impacto da "Teoria Geral" sobre os economistas na década de 30, criticando a incapacidade da ortodoxia em compreender novas mensagens. Também reafirmou um ponto sempre presente em sua visão, que era o da confiança nos jovens, como dinamizadores das novas idéias, sempre ressaltando sua esperança em dias melhores para essa "ciência ideológica" - a Economia.

Em 1979 ela visitou o Brasil - única vez - para participar do "I Encontro Internacional da Universidade de Brasília". Uma vez descoberto que ela teria algum tempo disponível, resolvemos convidá-la para ministrar uma palestra alternativa na Escola de Administração Fazendária - ESAF. Nós a encontramos, quando de sua chegada, no Hotel Nacional, onde, juntos com alguns colegas, dispendemos uma

tarde fascinante, conversando sobre Economia, História e Viagens. Entre uma e outra dose de "batidinha de limão" - bebida que ela passou a admirar - ouvíamos suas reminiscências e apreciávamos sua lôgica; as primeiras, ligeiramente prejudicadas pela "poeira do tempo". Ela se mostrava gratificada em saber que muitas de suas obras estavam já traduzidas para o português e se mostrava preocupada em ter acesso a uma audiência jovem e informal. O tema favorito em suas lembranças era Michael Kalecki, um "profeta esquecido" e agora reerguido graças, especialmente, ao trabalho de divulgação por ela prestado. Afirmava que apenas condições históricas peculiares e castração ideológica poderiam manter no esquecimento aquele economista polonês, que ela considerava, sob diversos ângulos, superior a Keynes. Rememorou seu primeiro encontro com Kalecki; contou-nos dos laços intelectuais que os ligava e sobre a sua tristeza com a "conspiração do silêncio" em relação ao que chamava de "a obra notável de Kalecki". Mostrou-se muito sensibilizada em ver tantos dos trabalhos desse economista sendo discutidos e divulgados no Brasil. Disse, e repetiu para mim em outras ocasiões, que Kalecki era o seu modelo do economista moderno. Elogiou sua linguagem austera, concisão, elegância formal, capacidade de atacar temas relevantes de seu tempo, sensibilidade para os sofrimentos humanos e também destacou sua habilidade em criar instrumentos analíticos, necessários para "resolver problemas concretos".

Lembro-me que fui o seu apresentador - como se ela necessitasse qualquer apresentação - na palestra proferida na ESAF. Jamais tivemos naquela instituição um número tão grande de participantes. O aparelho de som estava defeituoso e, contudo, a audiência permaneceu "vidrada" na grande Lady, embora a maioria não ouvisse propriamente sua mensagem. Essa admiração pública e simpatia ela também encontrou em outros rincões do Brasil, o que para ela sempre se constituiu em motivo de grata recordação. Queixou-se mais tarde de ter tido a impressão de ter estado falando, principalmente, para os tecnocratas, quando gostaria de manter contatos informais com os jovens estudantes de economia. Felizmente, eles não perderam tal oportunidade, pois foi possível organizar um novo encontro apenas com os estudantes, na UnB. Tenho certeza que foi esse seu contato mais gratificante em Brasília.

Em 1981, encontrei novamente Joan Robinson, quando eu passava alguns meses em Cambridge como "Visiting Scholar". Dessa vez tivemos contatos semanais. Ela tinha envelhecido bastante. Após sua visita ao Brasil e outras estafantes andanças por países da Ásia, adquiriu uma gripe que não foi superada totalmente, acarretando uma tosse impertinente. Tudo isto implicou num processo acelerado de decadência física. Agora, sua capacidade auditiva estava amplamente reduzida; usava uma bengala para amparar seus passos e suas mãos tremiam descontroladamente. Ela aparecia freqüentemente para o chá, no Departamento de Economia Aplicada - andar lento, olhos contemplativos e ligeiro "tic" de ansiedade. Já mal podia segurar propriamente a xícara de chá.

Em janeiro de 1982 encontrei-a pela última vez. Caminhava lentamente, amparada na bengala, para o "Anfiteatro da Marshall Library". Ia ministrar um seminário cujo conteúdo era "Teoria Econômica e seu Aspecto Metafísico". Ela acabava de retornar de uma rápida viagem à Índia e tive o prazer de acompanhá-la até a entrada do anfiteatro. Conversamos ligeiramente sobre seus planos que incluía a publicação dos temas desse seminário na forma de um novo livro. Joan tinha esperanças de publicá-lo em 1983 e não sei se esse desejo se materializou. Perguntou-me sobre o Brasil e nossos "tecnocratas mercantilistas". Tenho quase certeza que ela pouco ouviu das minhas rápidas colocações. Meu sotaque estrangeiro já não mais permitia a ela diferenciar adequadamente algumas sílabas. Lamento não ter podido assistir ao seminário; uma vez que admito ter transmitido, na elaboração de meu livro "Ideologia e Construção de Modelos Econômicos", muito de sua influência.

O tempo passou e quando retornei a Cambridge em julho último, para um rápido contato com o Departamento de Economia Aplicada, perguntei por ela e me informaram que estava em estado de coma. Não havia mais qualquer possibilidade de recuperação. Ainda disseram: "Igual a Piero Sraffa, que também está falecendo".¹ Fiquei triste, e hoje sinto profundamente não ter tomado a iniciativa de visitá-la.

(1) Piero Sraffa faleceu no dia 6 de agosto, depois de doença prolongada, também na cidade de Cambridge. Eles foram colegas de departamento por muitas décadas e exerceram influência intelectual mútua.

3. UMA LIGEIRA APRECIACÃO

Faleceu Joan Robinson - a grande dama da Economia, e uma figura humana inesquecível. Durante muitos anos esperamos que ela fosse agraciada com o Prêmio Nobel, pela sua enorme influência no repensar crítico da Economia Política. Isto não ocorreu e agora é tarde. Nas vezes em que conversamos sobre esse assunto, percebi sua desesperança em recebê-lo. Ela tinha consciência que o peso da não-ortodoxia era demasiado para a "mente dual" daqueles que participam desse processo de premiação. Ela o merecia, mas estava por demais familiarizada com os atalhos do poder, para ter tal ilusão. Alguns argumentam que sua obra necessita de retoques e que seus trabalhos incorporam poucos "aspectos construtivos". Estou seguro de que sua obra vibrante está bastante integrada na mutável realidade do mundo contemporâneo. Talvez seja justamente essa atualidade que dificulta as tentativas de melhor avaliação. Morreu Joan Robinson, mas sua obra permanece aberta à discussão, e sua figura humana inesquecível ocupa um lugar destacado. Ela bem o merece!

Talvez a maior de suas lições seja a de que devemos analisar criticamente qualquer teoria importante e não aceitar dogmas nem ter medo de reformular nossa posição, quando percebemos erros. Para ela se aplica perfeitamente o conselho de Brechet (1978). "Frequentemente, a causa principal da pobreza, em ciência, é a riqueza presumida. A finalidade da ciência não é abrir a porta ao saber infinito, mas colocar um limite à infinitude de erros".

BIBLIOGRAFIA

- Brech, B. "A Vida de Galileu", Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- Robinson, JOAN. "Economia da Concorrência Imperfeita", Macmillan, 1933.
- Robinson, JOAN. "Ensaio Sobre a Teoria do Emprego", Basil Blackwell, 1937.
- Robinson, JOAN. "Uma Introdução à Teoria do Emprego", Macmillan, 1937.
- Robinson, JOAN. "Um Ensaio de Economia Marxista", Macmillan, 1942.
- Robinson, JOAN. "Acumulação de Capital", Macmillan, 1956.
- Robinson, JOAN. "Filosofia Econômica", C.A. Watts & Co. Ltd, 1962.
- Robinson, JOAN. "Ensaio Sobre a Teoria do Crescimento Econômico", Macmillan, 1962.
- Robinson, JOAN. "Economic Heresies - Some Old-Fashioned Questions in Economic Theory", Allen & Unwin, 1971.
- Robinson, JOAN. "Economics: An Awkward Corner", George Allen & Unwin, 1966.
- Robinson, JOAN. "Collected Economic Papers" (5 volumes), Basil Blackwell, 1951, 1960, 1965, 1973, 1979, respectivamente.
- Robinson, J. and Eatwell, J. "Uma Introdução à Moderna Economia", McGraw-Hill, 1973.
- Samuelson, Paul. "Introdução à Economia", McGraw-Hill, Inc., 1951.

